



## IMAGENS COMPOSTAS: traduções colaborativas de uma fotografia móvel

Luciana Abitante Swarowsky. UFSM

**RESUMO:** Este artigo é parte integrante da recente pesquisa *Instantes Cotidianos: por uma arte da fotografia móvel*, focada no processo de captura, manipulação e transmissão da fotografia na mediação de um telefone móvel. Testemunhando o surgimento de novas linguagens artísticas, onde imagens e informações transfiguram-se infinita e instantaneamente, *Imagens Compostas* é o resultado poético de um processo colaborativo onde uma matriz de fotografia móvel é lançada através de uma carta eletrônica a diferentes sujeitos que, por sua vez, a ressignificam e enriquecem o processo de produção imagética desenvolvido na pesquisa. É uma prática inspirada em processos criativos de artistas como Laszlo Moholy-Nagy e Ray Johnson, e subentende-se a um “fazer de novo” cujas ações buscam fomar uma nova imagem.

**Palavras-chave:** fotografia móvel, práticas colaborativas, arte e tecnologia

**ABSTRACT:** *This article is part of the latest research Daily Instants: for a mobile photography art, focused on the process of capturing, manipulation and transmission of photography in the mediation of a mobile phone. Witnessing the emergence of new artistic languages, where images and information transform themselves infinitely and instantaneously, Imagens Compostas is a result of a collaborative process in which an matrix of mobile photography is launched through an electronic letter to different collaborators which reframe and enrich the image production process developed in the research. It is a practice inspired by the creative processes of artists like Laszlo Moholy-Nagy and Ray Johnson, and can be understood as a "remaking" whose actions seek to create a new image.*

**Key-words:** *mobile photography, collaborative practices, art and technology*

O surgimento de novas tecnologias e, por sua vez, novas mídias computacionais, proporciona diferentes situações comunicativas e elaborativas que facilitam, modificam e fomentam o universo contemporâneo da arte. Atualmente diversos dispositivos móveis de conexão ubíqua permitem possibilidades de conexão e transmissão de dados em tempo real, facilitando assim o diálogo de sujeitos distantes o que, por sua vez, permite também a possibilidade de uma maior complexificação dos processos de criação.

A crescente inclusão de objetos culturais como o telefone móvel em produções artísticas é consequência da apropriação de tais ferramentas tecnológicas para a criação de meios de expressão. Beneficiados pelos avanços da tecnologia da comunicação móvel, muitos destes dispositivos foram transformados

em objetos multifuncionais que modelam novas práticas, comportamentos sociais e, ainda, novos processos criativos.

O entusiasmo pelo telefone móvel, como se observou ao longo da recente pesquisa *Instantes Cotidianos: por arte da fotografia móvel*<sup>1</sup>, não é anódino. Pois, modificador de comportamentos na esfera social e particularmente nas aparências visíveis, adquire um caráter significativo na cultura atual. Embora considerado por alguns teóricos um meio que banaliza o ato fotográfico, vem se consolidando como uma ferramenta de expressão plástica que, dia após dia, possibilita diferentes poéticas, especialmente no campo da fotografia no qual parece reafirmar a infinidade da técnica fotográfica.

Dentro deste contexto, na pretensão de colocar em evidência um trabalho de pesquisa com a fotografia móvel que segue uma elaboração<sup>2</sup> baseada não apenas na criação em conjunto com o seu dispositivo de captura mas, também, na colaboração com diferentes sujeitos, apresenta-se neste texto parte de uma série de fotografias móveis intitulada *Imagens Compostas* e que é o resultado de uma experiência que buscou explorar o imaginário fotográfico, bem como diferentes momentos subjetivos. Não se trata da simples negação do figuratismo da imagem retratada, mas de um desafiar de limites técnicos na intenção de uma visão de mundo desenvolvida no diálogo com o outro.

Seguindo elaboração semelhante a obras de Lazlo Moholy-Nagy e Ray Johnson que, ao estenderem o processo de construção de suas obras ao espectador distante utilizaram o telefone e o correio -ambos de ordem convencional- para ampliar e complexificar o processo de significação de suas poéticas e ainda, abrir um leque de possibilidades para que uma mesma imagem se transformasse em inúmeros visíveis. Aqui o elo de comunicação que interliga diferentes indivíduos é uma fotografia móvel, que na mediação de um telefone móvel é capturada e enviada por correio eletrônico a 75 espectadores.

Submetida a uma produção de caráter coletivo esta imagem foi transformada em um sistema dinâmico capaz de ultrapassar fronteiras e paradigmas supostamente pertinentes à criação tradicional. De caráter numérico, como uma imagem digital qualquer, esta fotografia, desprovida de elementos fixos e conexos por contiguidade física e material, é maleável e cede lugar à variação contínua. Neste contexto, transformada em visualidades de outros gêneros, a magia da

fotografia passa a ser a sua metamorfose e o seu intrínseco valor de se tornar um sistema ou *network* modificável.

A cada nova imagem, um *recomeçar* se efetiva e apoia-se na especificidade móvel da fotografia e, por consequência na contaminação da sua matriz. Como objeto sensível, longe do seu criador original, é re-construída e re-produzida fazendo renascer um novo/outro sentido visual, bem como criador.

Uma vez que esta fotografia móvel migra por diferentes superfícies e comandos eletrônicos, na presença e ressignificação de diferentes sujeitos, todo o controle autoral sobre ela se liquefaz em favorecimento do domínio e percepção daquele que por algum tempo a possui.



Figura 01 – Matriz fotoráfica,  
Luciana Abitante Swarowsky, 2011



Figura 02 – Intervenção de Gabriel  
Monteiro, série *Imagens Compostas*,  
2012

Sob o domínio de um novo criador<sup>3</sup>, abre-se uma nova possibilidade visível à fotografia móvel. A chance de uma estética inesperada faz com que a identidade da obra seja expandida e problematizada. A introdução do *outro* para o campo processual do trabalho, como um agregador que transcende o papel de criador, faz com que o campo visível e sensível da experiência estética seja significativamente ampliado.

Como uma ferramenta-chave, o interventor permite que o olhar sobre a

fotografia seja expandido ao agregar a ela outros elementos estéticos. Na medida em que esta fotografia se renova, as percepções sobre ela, vindas do fotógrafo e do interventor, transformam-se em uma nova percepção. O domínio de agente criador passa a ser volatilizado em benefício de um *devenir*; o que ascende é uma mudança de percepção, de produção e de circulação de sentidos referente ao fato e ao objeto em questão.

Movendo-se no ritmo e no fluxo virtual em que se encontram as imagens digitais, sempre transformáveis, os dançarinos retratados experienciam novos cenários e se revestem de novos figurinos. Transformados pela ação de terceiros, que ora hibridam outras imagens à foto base, ora os subtrai, estes personagens entram numa coreografia onde tudo é possível em termos estéticos.

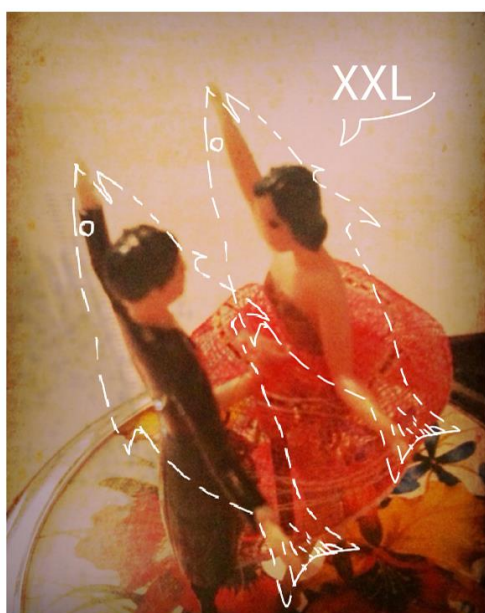


Figura 03 – Intervenção de Amir Admoni, série *Imagens Compostas*, 2012

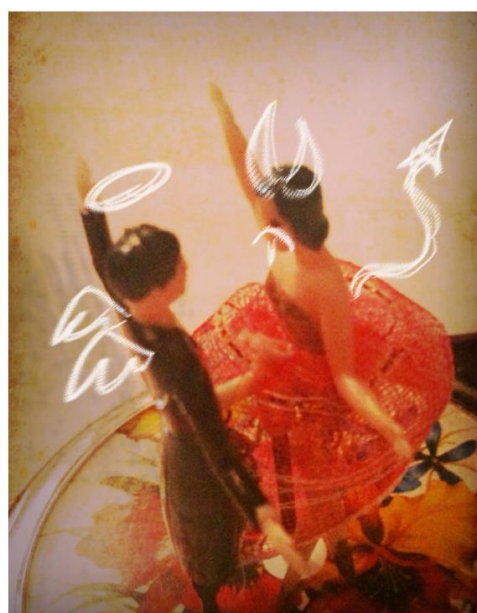


Figura 04 – Intervenção de Fred Rubim, série *Imagens Compostas*, 2012

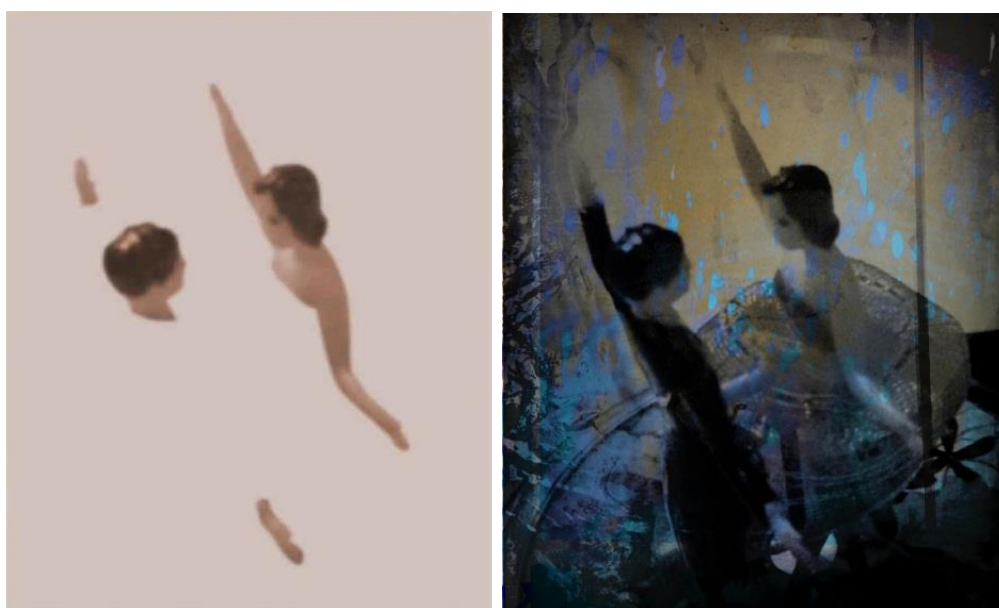
Esta transferência de posições não tem o propósito de reafirmar qualquer tipo de controle sobre a imagem, apesar deste ser circunstancial e pertencente a aquele que com ela se defronta e a modifica. Porém, o não retorno da fotografia modificada ao artista, deixa o processo de interação com o interventor em aberto já que a imagem continua em sua qualidade de índice do visível e na latência de uma possível transformação.

Contrariamente, ao retornar com novas traduções, esta fotografia legitima a

transformação dos diferentes sujeitos implicados no processo em sujeitos iguais<sup>4</sup>. Sujeitos que, segundo Couchot (2003), “leem a hora no mesmo relógio” e que vivenciam a obra sob a mesma dialética de terem se transformado “filhos” dela própria, como afirma Soulages (2010).

Uma vez fechado este ciclo processual, de imagem lançada > re-significada > retornada, a lógica funcional do processo passa a ser a interação trocada entre os sujeitos iguais, bem como a experiência eventual de causar (ou não) no *outro*, por meio de um objeto móvel<sup>5</sup>, o que Soulages (2010) chama “inspirito criador<sup>6</sup>”.

Possibilitando novos visíveis e revestindo a fotografia de novas subjetividades, quando sensibilizado por tal “inspirito” o interventor faz com que o processo se desenvolva no ritmo de um tipo específico de gramática ou linguagem visual que se diferencia da tradicional.



Neste processo, através do ir e vir de *e-mails*, a matriz que origina a série *Imagens Compostas* é o elo de comunicação entre os sujeitos, bem como um território mutável. A importância poética desenvolvida e vivenciada neste ensaio estabelece-se na dinâmica interativa alavancada por um *forward* que, por sua vez, testa o papel do sujeito criador.

Com sua matriz disponível em formato digital ou impresso, *Imagens Compostas* é uma obra aberta que reúne, até o presente, 25 imagens re-significadas

por interventores distintos que, de alguma forma, sentiram-se sensibilizados pelo “inspírito” criador e que, por fim, certificam a intenção de dividir e experienciar uma proposta que subverte os processos tradicionais.

Neste projeto móvel, o interventor, denominado por Couchot (2003) de “co-autor”, é reconhecido na poética através da autoria compartilhada. O que Plaza (2003) define como “desalinhamento das fronteiras autorais” é vivenciado como um remanejamento de experiências e impressões junto à imagem produzida que, por sua vez, eleva o papel dos diferentes sujeitos a um mesmo grau de agente participativo e significativo junto à obra como um todo.

Entre interação e contaminação por elementos estratégicos que dissimulam a verossimilhança fotográfica, viabiliza-se a certificação de uma visão articulada com possibilidades distintas das que a fotografia móvel pode atingir quando submetida à transformação.

Engendrada em novos presentes, sem fim nem começo, este tipo de fotografia simplesmente torna-se o resultado “daquilo que jamais foi<sup>7</sup>” e pode ser vista, sentida e interpretada de diferentes maneiras. Seu conteúdo imagético, assim metamorfoseado, atinge o olhar com força quando nele tudo é possível e permitido. Sem nada recusar, propõe uma visão nova, uma estética de outro gênero.

## NOTAS

<sup>1</sup> Pesquisa de mestrado em poéticas visuais, integrada à área da arte e tecnologia no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFSM, de autoria de Luciana Abitante Swarowsky e sob orientação da professora Darci Raquel Fonseca.

<sup>2</sup> Elaboração: ato ou efeito de elaborar. Termo usado em referência à *construção* de um novo real a partir de fotográficos existentes.

<sup>3</sup> Segundo Couchot (2003) o interventor transforma-se em um novo criador.

<sup>4</sup> Perante a obra, criador e interventor transformam-se em seres iguais (COUCHOT, 2003).

<sup>5</sup> Subentende-se aqui dispositivo e fotografia móvel.

<sup>6</sup> Segundo Soulages (2010), “criador” é aquele cuja criação provoca nos outros um impulso criador.

<sup>7</sup> Referência ao certificado de presença da fotografia e daquilo que foi (BARTHES, 1984, p. 127).

## REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **A câmera clara**: nota sobre fotografia. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

COUCHOT, E. **A tecnologia na arte**: da fotografia à realidade virtual. Tradução: Sandra Rey. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

PLAZA, J. **Processos criativos com os meios eletrônicos**: poéticas digitais. São Paulo: FAEP-UNICAMP, Ed. Hucitec, 1998.

SOULAGES, F. **Estética da fotografia**: perda e permanência. Tradução: Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010.

### **Luciana Abitante Swarowsky**

Mestranda em poéticas visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGART/UFSM, linha de pesquisa em Arte Tecnologia. Bacharel em Desenho Industrial/PV pela mesma universidade. Professora convidada do curso de Desenho Industrial - PV/UFSM para ministrar a disciplina de Fotografia Digital Avançada, 2013.